Empreste-me uma terça-feira comum

O amor também precisa de tempo sem uma ocasião especial



Laura Bellini

Empreste-me uma terça-feira comum

O amor também precisa de tempo sem uma ocasião especial

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384905807

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que não estavam nos planos.....12
Capítulo 2 - O mapa das possibilidades 23
Capítulo 3 - Nem tudo cabe no mapa..... 37
Capítulo 4 - Depois do expediente..... 47
Capítulo 5 - O direito de ter seu próprio tempo..... 60
Capítulo 6 - Um momento que não estava nos planos..... 70
Capítulo 7 - O dia seguinte 83
Capítulo 8 - Além da oficina dele 93
Capítulo 9 - Quando o planejamento encontra a realidade.....105
Capítulo 10 - Sem nenhuma ocasião especial..... 118
Capítulo 11 - O que fica depois da noite 131
Capítulo 12 - A noite que deveria ser nossa.....149
Capítulo 13 - O preço das boas oportunidades 165
Capítulo 14 - A verdade entre nós.....175
Capítulo 15 - Tudo o que deixo para depois.....187
Capítulo 16 - Um lugar para o silêncio.....198
Capítulo 17 - A vida fora da agenda 209
Capítulo 18 - O primeiro passo sem promessas 220
Capítulo 19 - Não é mais preciso esperar..... 235
Capítulo 20 - Uma terça-feira comum..... 245

INTRO

Às terças-feiras, nada deveria acontecer.

Pelo menos, era essa a regra que eu tentava estabelecer na minha vida desde que percebi que, se não reservasse ao menos um dia livre das expectativas dos outros, em pouco tempo começaria a tratar meu próprio apartamento como uma sala de espera entre uma obrigação e outra.

A terça-feira era minha. Sem vernissages, encontros com artistas, telefonemas de curadores ou conversas educadas com pessoas que sempre precisavam de alguma coisa para ontem. Sem taças de prosecco tomadas em pé e sorrisos que precisavam permanecer no rosto mesmo quando meus pés doíam depois de horas andando de salto alto. Nenhum evento que exigisse a iluminação adequada, a disposição correta das cadeiras e a presença de alguém capaz de prever que uma pessoa esqueceria de providenciar uma extensão elétrica.

Eu tinha trinta e quatro anos e valorizava cada vez mais as coisas que não precisavam ser organizadas.

Naquela terça-feira, queria buscar algumas impressões no estúdio fotográfico, comprar pão fresco, voltar para casa antes das dezoito horas e me sentar à mesa com o laptop. Havia uma proposta de exposição esperando por mim, um projeto no qual trabalhava havia algumas semanas. Era importante, ambicioso e promissor o suficiente para que eu não pretendesse permitir que nada desviasse minha atenção dos últimos ajustes. Precisava de silêncio, concentração e algumas horas durante as quais ninguém me perguntasse se eu poderia resolver mais uma coisinha.

Mas Varsóvia tinha uma opinião própria sobre os meus planos.

Na rua que eu conhecia havia anos, trabalhadores tinham aberto o calçamento exatamente no trecho por onde costumava cortar caminho até o estúdio. Precisei dar a volta em todo o quarteirão, desviando dos carros estacionados no estreito acostamento. O ar tinha cheiro de concreto molhado, café vindo de uma pequena cafeteria na esquina e alguma coisa recém-assada que escapava da padaria. Das janelas dos apartamentos no térreo vinham sons de televisões ligadas, enquanto uma senhora de casaco azul-marinho tentava convencer seu cachorro de que uma poça não era o lugar mais apropriado para descansar à tarde.

Um bairro comum. Um dia comum. Exatamente do que eu precisava.

A pasta com as impressões estava mais pesada do que eu imaginava. Passei-a para a outra mão e parei diante de uma pequena oficina de bicicletas para ajeitar a alça da bolsa, que escorregava do meu ombro. Pela porta aberta, vi um homem inclinado sobre uma bicicleta. As mangas da camisa escura estavam dobradas até os cotovelos, e havia uma mancha de graxa em seu antebraço que ele aparentemente ainda não tivera tempo de limpar. Trabalhava com tranquilidade, com a atenção de alguém que não precisava olhar para o relógio a cada três minutos para saber o que estava fazendo.

Foi então que uma das pranchas escapou da pasta.

O vento levantou a folha antes que eu conseguisse segurá-la. O papel deslizou pela calçada e parou junto à roda dianteira de uma bicicleta estacionada bem perto da entrada da oficina.

— A senhora está deixando sua documentação fugir — comentou o homem.

Ele pegou a folha antes que eu tivesse tempo de me abaixar. Não a amassou nem a segurou pelo meio. Pegou-a pelos dois cantos, como se soubesse desde o início que aquele pedaço de papel poderia ser muito mais importante para alguém do que parecia.

— Obrigada. Na verdade, não é documentação. São algumas horas da minha vida em formato A2.

Ele olhou para a prancha e depois para mim.

— Nesse caso, ainda bem que ela não foi parar debaixo da roda.

— Teria sido um conserto bastante caro.

— Para o papel ou para a senhora?

Sorri antes mesmo de decidir se aquela pergunta merecia uma resposta.

Ele tinha uma voz tranquila e um jeito de olhar que não me lembrava as conversas com as pessoas que eu encontrava nos eventos profissionais. Não tentava causar uma boa impressão imediatamente. Não procurava uma oportunidade para falar de si mesmo. Simplesmente esperava que eu recuperasse o que era meu.

Parecia ter pouco menos de quarenta anos, cabelos escuros e o rosto de alguém que não precisava verificar todos os dias se estava apresentável o suficiente. Não era desleixado. Apenas não parecia particularmente interessado em provar coisa alguma.

— Tem mais algumas dessas aí? — perguntou, indicando as folhas que apareciam na pasta.

— Espero que nem todas tentem fugir.

— Pela minha experiência, as coisas às vezes fazem exatamente aquilo que a gente não espera.

— Está falando de papel ou de bicicletas?

— Hoje, de papel. As bicicletas geralmente só precisam de um ajuste adequado.

Peguei a prancha e a coloquei novamente na pasta.

— Isso parece significar que tudo pode ser consertado.

— Nem tudo. Mas algumas coisas merecem um pouco de tempo.

Eu não sabia por que tinha guardado justamente aquela frase na memória. Talvez porque ele a tivesse dito sem dar nenhuma importância especial às próprias palavras, sem esperar que eu as considerasse profundas. Ou talvez porque, havia muito tempo, eu mesma não concedesse tempo a coisa alguma. Tudo tinha prazo, objetivo e lugar na agenda.

Olhei para o relógio. Precisava continuar.

— Mais uma vez, obrigada.

— Não há de quê.

Eu já tinha me afastado alguns passos quando ouvi sua voz atrás de mim:

— Cuidado com o vento. Hoje ele tem os próprios planos.

Virei-me.

— Eu também tenho os meus. E pretendo segui-los.

Dessa vez, ele sorriu de maneira mais evidente.

— Boa sorte.

Não perguntei seu nome. Ele também não perguntou o meu. Foi uma troca breve e comum de palavras, daquelas

que deveriam desaparecer da memória antes mesmo de chegarmos ao fim da rua.

Ainda assim, quando cheguei ao estúdio, fiquei por alguns instantes pensando nas mãos dele, que haviam levantado a folha com tanto cuidado. No fato de que não tentara me ajudar à força, embora pudesse. Na maneira como conseguia brincar sem transformar a conversa em uma demonstração de charme.

Depois, recebi uma ligação.

Era a senhora Helena, do centro comunitário do bairro. Nós nos conhecíamos havia alguns anos, desde que organizei ali uma pequena exposição de fotografias dos moradores. Ela se lembrava de mim como a pessoa que conseguia encontrar um espaço para uma mostra mesmo quando a única parede disponível ficava atrás da porta do depósito.

— Łucja, desculpe incomodar — começou ela. — Sei que você está cheia de trabalho, mas gostaria de lhe pedir uma coisa.

Só aquela introdução já não prometia nada de bom para a minha terça-feira.

— Pode falar.

— Queremos organizar alguma coisa para as pessoas do bairro. Um pequeno festival. Música, alguns expositores locais, talvez oficinas para as crianças, alguma coisa para comer. Não temos um orçamento grande, mas temos o espaço e algumas pessoas dispostas a ajudar. O que está faltando é alguém que consiga juntar todas essas peças.

Olhei para o laptop aberto. Na tela, estava o projeto inacabado da exposição, acompanhado de uma lista de coisas que ainda precisava corrigir.

— Helena, realmente não posso assumir mais um evento agora.

— Eu sei. Por isso não estou pedindo que você faça tudo sozinha.

— Geralmente é assim que começa.

Do outro lado da linha, houve um breve silêncio, seguido de uma risada discreta.

— Você tem razão. Mas, desta vez, temos mais uma pessoa. Ele tem uma oficina de bicicletas aqui perto. Concordou em ajudar na organização e a atrair os comerciantes locais. É teimoso, mas dizem que conhece metade do bairro.

Lembrei-me do homem parado na entrada da oficina. Da camisa escura, da graxa no antebraço e da frase sobre as coisas que mereciam um pouco de tempo.

— Como ele se chama? — perguntei, antes de conseguir pensar no motivo pelo qual aquela informação me interessava.

— Klemens Lis.

Encostei-me na cadeira.

Então ele tinha um nome.

— Łucja, você não precisa tomar uma decisão pelo telefone. Venha amanhã para uma reunião rápida. Conheça a ideia, veja se faz sentido. Se achar que não é para você, não vamos insistir.

Eu deveria ter recusado. Já tinha trabalho suficiente, minhas próprias ambições e limites cuidadosamente estabelecidos. Não queria mais um projeto no qual as pessoas confundissem minhas competências com disponibilidade ilimitada. Por outro lado, a senhora Helena

não estava me pedindo que sacrificasse minha vida inteira. Estava pedindo apenas uma conversa.

— Tudo bem. Vou à reunião. Mas não estou prometendo nada.

— Claro. Muito obrigada.

Quando desliguei, fiquei sentada, imóvel, por alguns instantes. Do lado de fora, alguém fechava um portão metálico, um ciclista passava pela rua e um homem saía da padaria em frente com um saco de papel debaixo do braço. O mundo não havia mudado nem um pouco. Apenas minha tranquila terça-feira começava a se expandir perigosamente para incluir os planos de outras pessoas.

Voltei ao projeto, mas meus pensamentos já não queriam se organizar em colunas perfeitamente alinhadas. Anotei a reunião na agenda para quarta-feira e, em seguida, acrescentei o horário de término. Não pretendia permitir que um pequeno festival se transformasse em mais um emprego em tempo integral.

À noite, quando finalmente voltei para o apartamento, deixei a pasta ao lado da escrivaninha e tirei o casaco. No celular, havia um lembrete sobre a reunião do dia seguinte. Passei o dedo pela tela, como se assim também pudesse afastar tudo o que talvez viesse junto com aquele compromisso.

Lembrei-me mais uma vez da oficina, da porta aberta e do homem que não tentara me manter ali por mais tempo do que eu desejava ficar.

Não sabia se Klemens Lis seria alguém com quem seria possível trabalhar. Nem sequer sabia se aquela tranquilidade fazia parte de sua personalidade ou se era apenas a

impressão que transmitia enquanto consertava uma bicicleta.

Sabia, porém, que havia muito tempo eu conseguia encontrar espaço para tudo o que tinha importância profissional. Para os sonhos dos outros, os prazos dos outros e as comemorações dos outros. Era muito mais difícil reservar um lugar para alguma coisa que não pudesse ser incluída em um cronograma.

Fechei o laptop e apaguei a luz da luminária.

Talvez no dia seguinte eu conseguisse convencer Klemens de que o festival precisava ser bem planejado e de que meus limites não estavam sujeitos a negociação.

Mas por que, antes mesmo de conhecê-lo de verdade, eu já começava a me perguntar se ele também seria capaz de encontrar tempo para mim quando não houvesse nenhum evento especial?

Capítulo 1 - Condições que não estavam nos planos

Na quarta-feira, às cinco e meia da tarde, eu estava diante da entrada do centro comunitário, com meu caderno, o laptop e a convicção de que, dentro de uma hora, já estaria a caminho de casa. Por precaução, havia anotado na agenda que a reunião terminaria às seis e meia. Não gostava de deixar espaços vazios na minha programação para as necessidades dos outros. Com frequência, descobria que, se não estabelecesse um horário para encerrar uma conversa, alguém sempre conseguia encontrar mais três assuntos que precisavam ser discutidos com urgência.

O centro comunitário funcionava em um prédio térreo entre uma farmácia e um mercado. Lá dentro, o cheiro era de café, papel e produto de limpeza para pisos. No mural de avisos havia cartazes sobre atividades para crianças, troca de livros e procura por alguém disposto a cuidar de um cachorro idoso. Alguém tinha deixado um vaso de manjericão no parapeito da janela. A planta parecia estar esperando havia dias por um proprietário mais responsável.

A senhora Helena me recebeu na porta com um entusiasmo como se tivesse acabado de conseguir um patrocinador para financiar o festival inteiro, e não alguém que, ainda na noite anterior, estava considerando cancelar a reunião.

— Eu sabia que você viria.

— Eu disse que viria. Não disse que ficaria.

— Já é alguma coisa. Venha, temos café.

Ela me conduziu até uma sala maior. Três pessoas estavam sentadas ao redor de uma mesa comprida. Reconheci a senhora Jadwiga, da biblioteca do bairro, um rapaz usando um moletom com o logotipo de um clube esportivo local e um homem que eu já conhecia de vista, embora não me lembrasse de ter conversado com ele alguma vez. Klemens Lis estava sentado na ponta da mesa, com as mãos apoiadas no encosto da cadeira. Vestia um suéter escuro, e o cabelo parecia ter sido arrumado com os dedos, em vez de um pente.

Ele levantou os olhos quando entrei.

— Boa tarde, senhora do papel.

— Boa tarde, senhor do vento.

A senhora Helena olhou para nós com curiosidade.

— Vocês já se conhecem?

— Tivemos um breve encontro na calçada — expliquei, ocupando o lugar vazio.

— Um encontro que terminou com o resgate de uma documentação importante — acrescentou Klemens.

— Uma única prancha — corrigi.

— Eu não diminuiria a importância da conquista.

Sentei-me diante dele. Não pretendia analisar aquela troca de comentários, embora tivesse percebido que ele parecia ter o hábito de responder de um jeito que deixava espaço para o interlocutor retrucar. Não tentava dominar a conversa, mas também não recuava apenas para evitar um possível desentendimento.

Helena espalhou algumas folhas sobre a mesa.

— Muito bem. Podemos começar. A ideia é simples. Queremos organizar um festival comunitário. Um sábado, de preferência no final do próximo mês. Música, expositores locais, pequenas barracas, talvez algumas oficinas. Algo que faça as pessoas saírem de casa e perceberem que há mais coisas acontecendo neste bairro do que imaginam.

— E o orçamento? — perguntei.

Helena mencionou uma quantia que me fez endireitar as costas involuntariamente.

— É só isso? — confirmei.

— Por enquanto, sim.

— Com esse valor não conseguiremos pagar um sistema profissional de som, aluguel de equipamentos, equipe técnica e cachês dos artistas. Sem falar na divulgação.

— É por isso que queremos aproveitar o que já temos — interveio Klemens.

Abri meu caderno.

— O que exatamente?

— Pessoas. Espaços. Habilidades. Nem tudo precisa ser alugado.

— Nem tudo precisa ser alugado, mas tudo precisa funcionar. Se convidarmos músicos, precisaremos oferecer condições adequadas para as apresentações. Se convidarmos expositores, teremos que garantir espaço para eles. Se organizarmos oficinas para crianças, precisaremos de pessoas responsáveis, materiais e um plano de segurança.

— Concordo.

Olhei para ele com uma leve surpresa.

— Concorda mesmo?

— Sim. Só não quero que comecemos por uma lista de coisas que não podemos fazer.

— E por onde você sugere que comecemos?

— Pelo que podemos fazer.

Ele disse aquilo sem irritação. Na verdade, surpreendeu-me o fato de não tentar provar que minhas perguntas eram exageradas. Deslizou na minha direção uma folha com os nomes de alguns estabelecimentos locais escritos à mão.

— Aqui temos a padaria, que poderia preparar alguma coisa para uma barraca. Aqui, um ateliê de cerâmica. Também há um senhor mais velho que faz brinquedos de madeira. Ele não vende em lojas, mas gostaria de mostrar como são feitos. E aqui temos um grupo de ciclistas que organiza passeios pelo bairro.

Observei a lista. Não era muito extensa, mas continha nomes e números de telefone, além de pequenas anotações ao lado de alguns contatos. Não parecia uma ideia rabiscada às pressas cinco minutos antes da reunião.

— Você conversou com eles?

— Com alguns. Os outros disseram que eu poderia ligar.

— Ou seja, ainda não temos nenhuma confirmação.

— Temos interesse.

— Não é a mesma coisa.

— Eu sei. É por isso que precisamos de alguém capaz de transformar esse interesse em um plano concreto.

Percebi que a senhora Helena sorria discretamente por cima da xícara. Não tinha certeza se estava mais satisfeita

com o argumento dele ou com o fato de não precisar fazer pessoalmente o pedido para que eu ajudasse.

— Antes de passarmos ao planejamento, gostaria de conhecer o espaço — falei. — Onde exatamente o festival vai acontecer?

Klemens abriu um mapa do bairro sobre a mesa. Havia marcado vários pontos com canetas coloridas.

— Aqui temos a praça ao lado do centro comunitário. Há espaço suficiente para as barracas. Podemos montar um pequeno palco nesta área e deixar a parte próxima para as crianças. O problema é a passagem de veículos.

— E o acesso à energia elétrica — acrescentou Helena.

— E os banheiros — observei.

— Isso também.

Durante os vinte minutos seguintes, discutimos as possibilidades de utilização do terreno. Comecei a desenhar uma planta simples do evento, indicando os caminhos de circulação e os possíveis espaços para os expositores. Klemens deslocou minha caneta algumas vezes, apontando soluções que levavam em consideração hábitos dos moradores que eu não conhecia.

— Não coloque uma barraca aqui — disse, apontando para um espaço próximo a um muro baixo.

— Por quê?

— Aos sábados de manhã, as pessoas passam por aqui para ir à feira. Se bloquearmos essa passagem, teremos reclamações antes mesmo de o evento começar.

— Podemos direcioná-las pelo outro lado.

— Podemos. Só que, nesse caso, vamos bloquear o acesso à loja.

Desloquei o desenho e conferi as distâncias.

— É verdade. Ainda bem que você comentou.

Ele não fez nenhum comentário sobre ter razão. Simplesmente voltou à própria folha. Gostei daquela pequena atitude mais do que gostaria de admitir.

Em determinado momento, o rapaz sentado ao lado de Helena falou, um pouco hesitante:

— E se também fizéssemos um concurso para escolher a bicicleta mais bonita?

Klemens virou-se para ele.

— Podemos fazer isso. Mas não precisamos transformar tudo em uma competição. Também podemos criar um espaço onde as pessoas mostrem o que fizeram com as próprias bicicletas. Sem julgamentos.

— Seria legal — concordou o rapaz.

— É justamente disso que estou falando — disse Klemens. — Não quero organizar uma festa em que as pessoas cheguem, olhem algumas coisas e voltem para casa. Gostaria que tivessem um motivo para conversar umas com as outras.

— Continua sendo um evento com uma programação definida — observei. — Não podemos esperar que a espontaneidade se organize sozinha.

— Não espero isso. Só quero que não planejemos cada minuto.

— Cada minuto não precisa ser planejado. Mas precisamos saber o que fazer se alguma coisa der errado.

— E você sempre sabe?

— Geralmente sei o que fazer quando alguma coisa dá errado.

— Deve ser cansativo.

Olhei para ele.

— O quê?

— Ficar prevendo continuamente todos os problemas possíveis.

Não respondi imediatamente. Ele tinha razão, mas não pretendia facilitar as coisas para ele.

— Alguém precisa fazer isso.

— Claro. Só não precisa ser necessariamente uma única pessoa.

O silêncio na sala foi interrompido por Helena, que ofereceu mais café. Recusei. Já tinha consumido cafeína suficiente e, além disso, estava cada vez mais consciente de que a reunião estava tomando um rumo que eu não havia previsto.

Quando voltamos aos assuntos práticos, peguei uma folha e escrevi três áreas principais: programação, logística e divulgação.

— Se eu for participar disso, preciso de uma divisão clara de responsabilidades. Não posso ser a pessoa que acaba respondendo por tudo aquilo que ninguém fez.

— De acordo — disse Klemens.

— E preciso dos contatos de todas as pessoas com quem você já conversou.

— Você vai receber.

— Quero ter a possibilidade de aprovar a programação antes que qualquer coisa seja anunciada.

Dessa vez, ele não respondeu imediatamente.

— Por quê?

— Porque serei responsável pela coerência do evento. Se alguma coisa for prometida aos moradores, precisamos ter certeza de que será possível realizá-la.

— Entendo. Mas não vou concordar que todas as ideias precisem ser aprovadas por uma única pessoa.

— Não estou falando de todas as ideias.

— Por enquanto, é exatamente isso que parece.

Senti minha paciência começar a diminuir.

— Klemens, ainda não conheço todas as pessoas nem todas as condições. Não posso prometer que cada um terá liberdade total para fazer o que quiser.

— E eu não quero que os moradores sejam apenas executores da sua concepção.

— Não pretendo tratá-los como executores.

— Nesse caso, não teremos problema.

— Já temos.

A senhora Helena pigarreou.

— Talvez seja bom que vocês sejam diferentes. Łucja cuida dos detalhes, Klemens conhece as pessoas. Precisamos das duas coisas.

— Também precisamos de alguém que tome as decisões — falei.

— E de alguém que se lembre para quem estamos tomando essas decisões — respondeu Klemens.

Não gostei do fato de a frase dele ter soado razoável. Gostei menos ainda de não conseguir contestá-la facilmente.

Fechei meu caderno.

— Sugiro que não resolvamos isso hoje. Vou preparar um cronograma inicial, uma estimativa de custos e uma proposta de divisão de responsabilidades. Depois veremos se conseguimos trabalhar seguindo regras que sejam comuns aos dois.

— Tudo bem. Mas vou preparar uma lista de pessoas e possibilidades, não apenas de confirmações.

— Certo.

— E gostaria que não anunciássemos nada sem conversar com elas primeiro.

— Se elas não tiverem influência sobre aquilo que estamos organizando, será difícil esperar que queiram se envolver — acrescentou.

Fiquei olhando para ele por alguns instantes e depois assenti.

— Podemos fazer uma reunião aberta. Mas preciso ter algumas diretrizes básicas antes.

— Justo.

Ele se levantou e começou a recolher as folhas. Quando peguei minha bolsa, percebi que havia uma folha sobre a mesa com meu sobrenome escrito ao lado do meu número de telefone.

— Como você conseguiu meu número? — perguntei.

— Com a Helena. Pedi antes da reunião para não precisar transmitir todas as informações por meio de três pessoas.

Olhei para a senhora Helena.

— Você não me avisou.

— Não pensei que fosse um problema.

— Não é. Só prefiro saber para quem você compartilha meus dados.

Klemens imediatamente empurrou a folha na minha direção.

— Se você preferir, não vou mandar mensagens nem ligar. Podemos combinar que toda a comunicação passe pela Helena.

Não parecia ofendido. Não tentou me convencer de que eu estava exagerando. Apenas esperou pela resposta, como se ela realmente me pertencesse.

— Você pode me escrever sobre a organização — respondi. — Só vamos manter a conversa objetiva.

— Vou tentar não mandar mensagens sobre o tempo.

— Isso seria muito útil.

Ele sorriu e, por um instante, tive a impressão de que estávamos conversando novamente não sobre o festival, mas sobre alguma outra coisa que eu ainda não sabia nomear.

Lá fora, o ar estava mais frio. Guardei o laptop na bolsa e caminhei em direção ao ponto de ônibus. Klemens saiu alguns instantes depois de mim, mas parou ao lado da bicicleta encostada na grade.

— Łucja?

Virei-me.

— Sim?

— Você não precisa assumir isso se não quiser. De verdade.

— Eu sei.

— Só queria que soubesse que não espero que faça todo o trabalho por nós.

Por um momento, não soube o que responder. Estava acostumada a pedidos que começavam com a garantia de que seria apenas uma coisinha e terminavam em mais algumas horas de trabalho. As palavras dele não pareciam uma tentativa de conseguir minha aprovação. Eram mais como uma informação que ele considerava importante.

— Vamos ver como as coisas vão acontecer — respondi.

— Vamos ver.

Continuei andando. Só quando cheguei ao ponto de ônibus percebi que, no meu caderno, ao lado das primeiras estimativas de orçamento, havia anotado também uma frase que não me lembrava de ter decidido escrever.

Não planejar tudo por todos.

Não tinha certeza se aquela ideia era dele ou se representava minha reação às palavras que havia escutado. Em qualquer caso, pretendia descobrir se seria possível colocá-la em prática sem perder o controle do evento.

E, acima de tudo, sem perder minha terça-feira.

Capítulo 2 - O mapa das possibilidades

Na manhã seguinte, às nove horas, eu já estava com uma planilha aberta, dois projetos de distribuição do espaço e uma lista de custos potenciais. Durante a primeira meia hora, tudo correu conforme o planejado. Só quando cheguei à coluna referente aos artistas percebi que não sabia exatamente quantos precisaríamos. Também não tinha certeza se o festival deveria ter um palco principal ou vários pequenos espaços para atividades.

Normalmente, eu tomava esse tipo de decisão depois de conversar com o cliente. Dessa vez, o cliente era um grupo de moradores que eu ainda não conhecia e um homem que aparentemente acreditava que nem tudo precisava ser decidido em volta de uma mesa.

Às dez e vinte, chegou uma mensagem.

Klemens: Tenho uma lista de pessoas e algumas propostas. Podemos nos encontrar no local e percorrer o espaço? Vai ser mais fácil mostrar o que quero dizer.

Olhei para o relógio. Tinha uma ligação agendada para as onze e, depois, precisava trabalhar na exposição. Conseguiria reservar uma hora, desde que ela não se transformasse em metade do meu dia.

Respondi:

Łucja: Hoje, às 12h30. Tenho no máximo uma hora.

A resposta chegou quase imediatamente.

Klemens: É suficiente. Vou esperar em frente ao centro comunitário.

Ele não acrescentou nenhuma piada. Também não perguntou se eu poderia ir mais cedo. Considerei aquilo um bom começo.

Às doze e vinte e oito, eu estava no local. Klemens estava perto da grade, conversando pelo telefone. Quando me viu, encerrou a ligação e guardou o aparelho no bolso.

— Pontual — observou.

— É uma das minhas poucas qualidades.

— Nesse caso, ainda bem que consegui chegar a tempo.

Vestia uma jaqueta azul-marinho e um cachecol claro. Ao lado de sua perna havia uma caixa de ferramentas, e uma bolsa de lona estava pendurada em seu ombro. Não parecia alguém que tivesse vindo simplesmente para passear. Parecia mais alguém que pretendia consertar alguma coisa antes mesmo que eu tivesse tempo de perguntar o que estava quebrado.

— Começamos pela praça? — perguntei.

— Pelo lado da oficina. Quero lhe mostrar uma coisa.

Seguimos pela rua. Alguns minutos depois, chegamos a um lugar onde a calçada se alargava junto a uma pequena praça. Havia dois bancos, uma lixeira e um suporte para bicicletas. Klemens apontou para o espaço livre entre as árvores.

— Aqui poderia ficar a primeira parte do evento. Não um palco, mas um espaço de convivência.

— O que exatamente?

— Uma mesa, algumas cadeiras, talvez um ponto de troca de objetos. Livros, plantas, pequenos utensílios. As pessoas trazem alguma coisa de que não precisam mais e levam outra no lugar.

— Isso exige organização. Precisamos estabelecer regras para receber os objetos e definir quem será responsável pelas coisas deixadas ali.

— Eu sei.

— Também precisamos de alguém para cuidar da barraca.

— Conheço duas pessoas que gostariam de assumir essa tarefa.

— Confirmadas?

— Uma sim. A outra ainda não.

Anotei a informação no caderno.

— E quanto à música?

— Pensei em duas apresentações pequenas. Uma banda local e alguém que toque violão. Nada de palco grande.

— Nesse caso, precisamos de equipamento de som.

— Conheço alguém que pode emprestar o equipamento.

— E se não puder?

— Então encontraremos outra solução ou mudaremos a programação.

— Preferiria não mudar a programação na última hora.

— Eu também. Só não podemos planejar o evento como se tivéssemos dinheiro para qualquer eventualidade.

Parei perto de um dos bancos.

— Klemens, entendo que você queira organizar algo acessível para as pessoas. Eu também quero. Mas, se vamos preparar um evento, precisamos ter um plano básico e um plano de emergência. Caso contrário, não saberemos exatamente o que estamos prometendo.

Ele me olhou atentamente.

— Tudo bem. Vamos fazer assim.

Não esperava que concordasse tão depressa. Eu já havia preparado mentalmente uma argumentação que, pelo visto, não precisaria utilizar.

— Você tem experiência na organização de eventos desse tipo? — perguntei.

— Não exatamente como você. Organizei alguns passeios de bicicleta e pequenos encontros na oficina. Às vezes apareciam dez pessoas, às vezes quarenta. Não havia um roteiro para cada minuto.

— E como você lidava com isso?

— Perguntava às pessoas do que precisavam. Depois verificava se éramos capazes de fazer aquilo.

— Esse método não pode ser aplicado a tudo.

— Eu sei. Por isso estou conversando com você.

Ele disse aquilo tranquilamente, sem o menor traço de bajulação. Em sua voz, soou como o reconhecimento de uma habilidade específica, não como uma tentativa de conquistar minha simpatia.

Atravessamos para o outro lado da praça. Klemens me mostrou um pequeno estabelecimento cuja proprietária administrava um ateliê de cerâmica. Pela vitrine, eu conseguia ver prateleiras com canecas e tigelas pequenas. Na porta havia um aviso sobre oficinas para adultos.

— A senhora Marta disse que poderia preparar uma atividade curta para as crianças — explicou. — Não precisa de muito espaço. Bastariam uma mesa e acesso à água.